



SÃO CIPRIANO BISPO DE CARTAGO

SELEÇÃO DE TEXTOS



ECCLESIA - 2025

SÃO CIPRIANO

Bispo de Cartago e Mártir (†258)



SUMÁRIO

São Cipriano de Cartago3

Martírio de São Cipriano 4

A Oração do Senhor7

Da inutilidade dos ídolos19

Cartas de São Cipriano29

1. Carta de Cipriano, do local onde se escondeu ao começar a perseguição de Décio, aos presbíteros e diáconos de Cartago; início do ano 250. 29
2. Carta de Cipriano, de seu esconderijo, aos presbíteros e diáconos de Cartago, sobre o cuidado da comunidade. Início de 250. 30
3. Carta de Cipriano aos presbíteros e diáconos de Cartago, sobre o problema dos lapsi verão de 250. 31
4. Carta de Cipriano aos presbíteros, diáconos e a todo o povo de Cartago, sobre os méritos de um confessor; outono de 250. 33
5. Carta de Cipriano a Sucesso; começou a perseguição de Valeriano; agosto de 258. 34

6. Carta de Cipriano aos presbíteros, diáconos e a todo o povo de Cartago, sobre sua atitude e a dos demais diante da nova perseguição; agosto de 258.	36
ANTOLOGIA	38
O homem novo - de Deus vem a força para viver santamente	38
A perseguição é uma purificação da vida cristã	40
Só com uma verdadeira penitência se alcança o perdão do Senhor....	41
As maravilhas do Batismo (A Donato, 3-5).....	43
Frutos da paciência (O bem da paciência, 13-16, 19-20).....	46
Sem medo da morte (Tratado sobre a peste, 15-26)	51
«A esperança nos sustenta».....	54



São Cipriano de Cartago

(†258) Bispo de Cartago e Mártir



Táscio Cecílio Cipriano nasceu no norte da África, provavelmente em Cartago, entre os anos 200 e 210 d.C. Filho de uma família abastada, recebeu uma educação superior e dedicou-se à oratória e à advocacia. Converteu-se ao cristianismo já adulto, por volta de 245. Três anos depois, foi eleito bispo de Cartago. Foi decapitado nas proximidades da cidade, diante de uma grande multidão de cristãos e pagãos, em 14 de setembro de 258, durante a perseguição promovida pelo imperador Valeriano.

A Igreja, na época de São Cipriano, vivia um fervor intenso. As sangrentas perseguições, que desde Nero (ano 64 d.C.) a abalavam, apenas aumentavam o ardor dos fiéis, e os mártires entregavam suas vidas com amor e fé.

Mesmo com todo esse fervor, surgiam pequenos grupos de hereges que, desejosos de “autonomia”, pregavam doutrinas contrárias às dos apóstolos e dos bispos da Santa Igreja de Cristo. Para combater essas heresias, Cipriano publicou, por volta do outono de 251, como ele mesmo descreveu, um pequeno livro de conduta cristã intitulado *Catholicae Ecclesiae Unitate* – “A Unidade da Igreja Católica”.

As palavras de São Cipriano são maravilhosas. Ele demonstra clareza de ideias e uma determinação firme em alcançar seu objetivo. Homem de Deus, fundamentou-se inteiramente nas Escrituras para defender a unidade da Igreja

Católica, o Primado de Pedro e outras santas doutrinas recebidas diretamente dos apóstolos.

Martírio de São Cipriano

Na manhã do dia 18 das calendas de outubro, uma grande multidão reuniu-se no campo de Sexto, conforme ordem do procônsul Galério Máximo. Este, presidindo no átrio Sauciolo, determinou que Cipriano fosse levado à sua presença. Ao chegar, o procônsul perguntou:

— És tu Tásccio Cipriano?

O bispo respondeu:

— Sou.

O procônsul Galério Máximo perguntou:

— Tu te apresentaste aos homens como papa desse intento sacrílego?

Cipriano respondeu:

— Sim.

Galério Máximo disse:

— Os augustíssimos imperadores ordenaram que te sujeites às cerimônias.

Cipriano respondeu:

— Não o faço.

Galério Máximo insistiu:

— Pensa bem!

O bispo Cipriano retrucou:

— Cumpre o que te foi ordenado; em causa tão justa, não há o que discutir.

Galério Máximo, após deliberar com seu conselho, pronunciou a sentença com dificuldade, nestas palavras:

— Viveste por muito tempo com essa ideia sacrílega e agregaste muitos homens a essa ímpia conspiração. Tornaste-te inimigo dos deuses romanos e das sacras religiões. Nem os piedosos e sagrados augustos príncipes Valeriano e Galieno, nem Valeriano, o nobilíssimo César, conseguiram te reconduzir à prática de seus ritos religiosos. Por essa razão, sendo acusado como autor e guia de crimes execráveis, serás uma advertência para aqueles que reuniste em teu delito: com teu sangue, a disciplina será preservada.

Dito isso, leu a sentença:

— Apraz que Tásccio Cipriano seja decapitado à espada.

O bispo Cipriano respondeu:

— Graças a Deus!

Após a leitura da sentença, os irmãos exclamaram:

— Sejam também nós degolados com ele!

Isso gerou um tumulto entre os fiéis, e uma grande multidão o acompanhou. Cipriano foi conduzido ao campo de Sexto. Ali, tirou o manto e o capuz, dobrou os joelhos e prostrou-se em oração ao Senhor. Depois, removeu a dalmática, entregando-a aos diáconos, e ficou apenas com a alva de linho, aguardando o carrasco. Quando este chegou, Cipriano ordenou que lhe dessem 25 moedas de ouro. Os irmãos estenderam diante dele um pano de linho e uma

toalha. O bem-aventurado tentou vender os próprios olhos, mas, não conseguindo amarrar as pontas, o presbítero Juliano e o subdiácono Juliano o ajudaram.

Assim morreu o bem-aventurado Cipriano. Seu corpo, devido à curiosidade dos pagãos, foi colocado nas proximidades e, à noite, retirado dali. Com círios, tochas, hinos e em grande triunfo, foi levado ao cemitério de Macróbio Candiano, administrador, na Via Mapaliense, junto às piscinas. Poucos dias depois, o procônsul Galério Máximo faleceu.

O santíssimo mártir Cipriano foi morto no dia 18 das calendas de outubro, sob os imperadores Valeriano e Galieno, mas reinando nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja dada honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém.

FONTE: Do livro Escola da Fé 1: Sagrada Tradição, pp. 68-70
Tradução: Toni Lopes

A Oração do Senhor

(P.L. 4, 541-555)



Quais são, caríssimos irmãos, os mistérios da oração do Senhor? Quantos e quão grandes são eles, condensados em palavras breves, mas preñhes de força espiritual, que nada omitem e fazem dessa oração um compêndio da doutrina celeste?

Diz ele: “Assim deveis orar: Pai nosso, que estás nos céus”. O homem novo, renascido e restaurado para Deus pela graça, diz, logo de início, “Pai”, porque já começou a ser filho. “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. A todos, porém, que o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus, a todos os que creem em seu nome” [1]. Assim, aquele que crê em seu nome e se torna filho de Deus deve começar imediatamente a dar graças e a confessar-se filho de Deus. E, ao dirigir-se a Deus, chamando-o de Pai que está nos céus, indica também, por suas primeiras palavras da vida nova, que renunciou ao pai terreno e carnal, reconhecendo o Pai que passou a ter nos céus. Pois está escrito: “Quem diz a seu pai e a sua mãe: ‘Não os conheço’, e a seus filhos: ‘Não sei quem sois’, este guardou os teus preceitos e conservou o teu testamento” [2]. Também o Senhor ensinou que não devemos chamar a ninguém “pai” na terra, porque só existe para nós um Pai, que está nos céus. E respondeu ao discípulo que fizera menção do pai falecido: “Deixa aos mortos que sepultem os seus mortos” [3]. Ele havia dito que seu pai estava morto; contudo, o Pai dos crentes vive.

Como é grande, portanto, a indulgência do Senhor! Ele nos envolve com a abundância de sua graça e bondade, a ponto de querer que o chamemos Pai ao elevarmos a Deus nossa oração, de modo que, assim como Cristo é Filho, nós também sejamos chamados filhos. Se o próprio Cristo não nos tivesse permitido orar dessa maneira, quem de nós ousaria pronunciar tal nome de Pai? Por isso, devemos estar conscientes de que, se damos a Deus tal apelativo, precisamos agir como filhos seus, para que, assim como nos alegramos com Deus Pai, também Ele se alegre conosco. Vivamos, portanto, como templos de Deus, para que se note que Ele habita em nós. Que nossa ação não seja indigna do Espírito, para que não nos aconteça ter começado a ser do céu e pensar e praticar o que não é celeste nem espiritual. Com efeito, o Senhor nos adverte: “Eu glorificarei os que me glorificam e desprezarei os que me desprezam” [4]. Igualmente diz o bem-aventurado Apóstolo: “Não sois vossos. Fostes comprados por um grande preço. Glorificai a Deus, trazendo-o em vosso corpo” [5].

Dizemos a seguir: “Santificado seja o teu nome”. Não porque pretendamos que Deus seja santificado por nossa oração, mas pedimos que seu nome seja santificado em nós. De resto, por quem poderia ser santificado o santificador? Mas, como disse Ele: “Sede santos, porque eu sou santo” [6], suplicamos a perseverança naquilo que começamos a ser pela santificação do batismo. Oramos assim todos os dias, necessitamos diariamente de santificação a fim de purificar-nos continuamente dos pecados de cada dia. E o Apóstolo nos indica qual é a santificação que nos é conferida pela misericórdia de Deus: “Na verdade, fostes perversos, devassos... mas fostes lavados, justificados e santificados em nome de nosso Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus” [7]. Diz que estamos santificados em nome de Jesus

Cristo e no Santo Espírito do nosso Deus. Oramos para que esta santificação permaneça em nós. E, como o Senhor, nosso juiz, recomendou ao que foi por Ele curado e vivificado não reincidir em pecado, a fim de que não lhe acontecesse algo pior, fazemos continuamente esta prece, suplicamos dia e noite que seja mantida em nós, pela proteção de Deus, a santificação e vivificação que recebemos de sua graça.

Segue-se a petição: “Venha a nós o teu reino”. Desejamos que o reino de Deus se torne presente a nós, como havíamos desejado que seu nome fosse santificado em nós. Pois, quando é que Deus não reina? Quando poderia começar para Ele um reino que sempre existiu e nunca deixará de existir? Pedimos, pois, que venha a nós o “teu reino”, aquele que nos foi prometido por Deus e obtido pela paixão de Cristo. Nós, que servimos neste século como servos, esperamos reinar com Cristo vitorioso, conforme a promessa: “Vinde, benditos de meu Pai, apossai-vos do reino que vos está preparado desde o começo do mundo” [8]. Pode-se dizer que o próprio Cristo seja o reino de Deus, ao qual queremos chegar cada dia, e cujo advento pedimos que se abrevie. Pois, se Ele é a nossa ressurreição, porque nele ressuscitamos, podemos igualmente conceber que Ele seja também o reino, uma vez que nele havemos de reinar. E com razão pedimos o reino de Deus, isto é, o reino celeste, pois há também o reino terrestre; mas quem renunciou ao século está acima desse reino e de suas honras.

Ajuntamos a seguir: “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Não que Deus deva ser rogado a fazer o que Ele mesmo quer, mas nós devemos fazer o que Ele quer. Quem o impediria de fazer o que quer? Nós, todavia, perturbados como somos pelo diabo, que pretende impedir-nos de seguir a Deus com toda a alma e ação, rogamos que se

cumpra em nós a vontade de Deus, para o que é indispensável sua ajuda e proteção. Ninguém é forte por suas próprias forças, mas graças à indulgência e misericórdia de Deus. Até o próprio Cristo indica a fraqueza do homem que Ele mesmo carregava, dizendo: “Pai, se possível, afasta de mim este cálice” [9]. E acrescentou imediatamente, deixando aos discípulos o exemplo de que não deveriam fazer a própria vontade, mas a de Deus: “Contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres”. O mesmo Ele diz em outro lugar: “Não desci do céu para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou” [10].

Se o Filho esteve atento em cumprir a vontade do Pai, quanto mais deve estar o servo em relação ao Senhor! São João nos exorta igualmente, em sua epístola, a cumprir a vontade do Pai: “Não ameis o mundo, nem o que está no mundo. Se alguém ama o mundo, a caridade do Pai não está nele. Pois tudo que está no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida. O mundo passará, e igualmente a sua concupiscência; aquele, porém, que cumprir a vontade de Deus permanece eternamente” [11]. Os que quisermos permanecer eternamente devemos, pois, cumprir a vontade do eterno Deus.

Ora, a vontade de Deus é a que Cristo praticou e ensinou: humildade na vida, estabilidade na fé, veracidade nas palavras, justiça no agir, misericórdia nas obras, disciplina nos costumes, não saber injuriar, tolerar a injúria recebida, manter a paz com os irmãos, querer a Deus com todo o coração, amando-o como Pai e temendo-o como Deus; nada prepor a Cristo, porque Ele também nada prepôs a nós; aderir inseparavelmente à sua caridade, unir-se à sua cruz com firmeza e fé e, quando houver luta por seu nome e honra, manifestar na palavra a constância com que o confessamos

diante dos juízes, e a firmeza de nosso combate; manifestar, enfim, na morte, a paciência pela qual somos coroados. Isso é ser coerdeiro de Cristo, isso é praticar o preceito de Deus, isso é cumprir a vontade do Pai!

Pedimos que seja feita a vontade do Pai assim na terra como no céu, pois em ambos os casos está em jogo nossa segurança e salvação. Possuímos um corpo da terra e um espírito do céu; somos, a um tempo, terra e céu. Oramos para que, em ambos, corpo e espírito, seja feita a vontade de Deus. Na verdade, há luta entre a carne e o espírito, e essa discórdia diária nos acarreta embaraços para fazer o que queremos. De um lado, o espírito procura o que é celeste, o divino; de outro, a carne cobiça o secular, o terreno. Por isso, pedimos que, pelo auxílio de Deus, se estabeleça a harmonia entre ambos, para que, graças à sua vontade realizada na carne e no espírito, seja salva a vida por Ele renascida.

Pode-se ainda, irmãos caríssimos, entender de outra maneira. Como o Senhor quer e exige que amemos até os inimigos e oremos até pelos que nos perseguem, pode-se entender que devemos pedir também por aqueles que ainda são terra e não começaram a ser celestes, para que neles se realize a vontade de Deus, a vontade que Cristo cumpriu conservando e reintegrando o homem.

O Senhor já não chama seus discípulos terra, mas sal da terra, e o Apóstolo diz que o primeiro homem é limo da terra, ao passo que o segundo é celeste. Portanto, nós, que devemos ser semelhantes ao Pai — o qual faz nascer o sol sobre bons e maus, chover sobre justos e injustos —, seguindo o conselho de Cristo, oramos e pedimos, numa única prece, pela salvação de todos. Assim como a vontade de Deus foi feita no céu, isto é, em nós, que pela fé nos tornamos céu, que se faça também na terra, isto é, nos que ainda não creem, que

ainda são terrenos pelo primeiro nascimento, a fim de que comecem a ser celestes pelo renascimento na água e no Espírito.

Prosseguindo, dizemos: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Podemos tomar este pedido tanto no sentido espiritual como no literal, pois os dois modos de entender servem divinamente à nossa salvação. Cristo é o pão da vida, e este pão não é de todos, é nosso. E, assim como dissemos “Pai nosso”, porque Ele é Pai dos que entendem e creem, dizemos também “pão nosso”, porque é pão para aqueles que comem o seu corpo. Pedimos que este pão nos seja dado diariamente, a fim de que, estando em Cristo e recebendo diariamente a Eucaristia como alimento de salvação, não venhamos a ser separados do Corpo de Cristo e tornar-nos alguma vez proibidos de participar do pão celeste, afastados da comunhão, por causa de algum grave pecado. Ele próprio disse: “Eu sou o pão que desci do céu. Se alguém comer do meu pão, viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo” [12]. Dizendo “viver eternamente” quem comer deste pão, fica evidente que viverão sempre os que pertencem ao seu corpo e recebem a Eucaristia pelo direito da comunhão, ao mesmo tempo que se deve temer que alguém seja separado do Corpo de Cristo e afastado da salvação pela interdição de participar do pão. Devemos orar para que tal não aconteça, como Ele mesmo nos adverte: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós” [13]. Por isso, pedimos que o pão nosso, isto é, Cristo, nos seja dado diariamente. Vivendo nele, não nos afastaremos de seu corpo e de sua santificação.

Pode-se, na verdade, interpretar de outra maneira estas palavras. Pode-se entender que nós, que renunciamos

ao século e rejeitamos suas riquezas e pompas pela fé da graça espiritual, não peçamos senão o alimento indispensável para o nosso sustento, conforme a palavra do Senhor: “Quem não renunciar a tudo que possui, não pode ser meu discípulo” [14]. Quem, portanto, seguindo a palavra do Mestre, renunciou a tudo e começou a ser discípulo de Cristo, deve pedir o alimento para o dia que passa e não estender seus desejos em longos pedidos. Assim Ele preceituou, dizendo: “Não penseis no dia de amanhã, porque o dia de amanhã trará os seus cuidados. Basta a cada dia a sua própria pena” [15]. Assim, o discípulo de Cristo, proibido de preocupar-se com o dia de amanhã, pede apenas o alimento de cada dia. Aliás, seria estranho e contraditório pedirmos que o reino de Deus venha a nós em breve e, ao mesmo tempo, cuidarmos de viver no mundo por mais tempo. Também o Apóstolo aconselha, fortalecendo e consolidando nossa fé e esperança: “Nada trouxemos para este mundo e nada, na verdade, podemos levar. Se temos o que comer e vestir, estejamos contentes. Os que desejam enriquecer caem na tentação, no laço e em muitos desejos nocivos que lançam o homem na perdição e na morte. Com efeito, a raiz de todos os males é a cobiça; por ela, alguns se afastaram da fé e acarretaram para si muitas dores” [16].

Esta doutrina ensina não só que as riquezas devam ser desprezadas, mas que são perigosas, achando-se nelas a raiz dos males que afagam e enganam, por disfarces e seduções, a cega mente humana. Daí Deus ter respondido ao rico insensato que pensava nos seus bens terrenos e se vangloriava da abundância dos seus frutos: “Insensato, esta noite ainda entregarás a tua alma; para quem ficará o que preparaste?” [17]. Alegrava-se o insensato com seus frutos na noite em que ia morrer, preocupava-se com a abundância de alimento no momento em que a vida já se afastava.

O Senhor ensina, ao contrário, que se torna perfeito e íntegro quem vende tudo o que possui e dá aos pobres, preparando este seu tesouro no céu. Diz o Senhor que só pode segui-lo e imitar a glória de sua paixão quem não está ligado por interesses particulares; então, pronto e sem empecilhos, está livre para acompanhar com a própria pessoa a doação já feita dos bens. Em preparação para isso, aprenda-se a orar dessa maneira e a descobrir assim como se deve ser.

Pedimos a seguir por nossos pecados, dizendo: “Perdoa as nossas dívidas, como nós perdoamos aos nossos devedores”. Depois do socorro do alimento, vem o perdão do pecado. Quem é alimentado por Deus, viva também em Deus; cuide não só da vida presente e temporal, mas sobretudo da eterna, à qual se pode chegar se os pecados são perdoados, pecados que o Senhor, no Evangelho, chama dívidas: “Perdoei toda a tua dívida, porque me pediste” [18].

Mas quão necessária, quão salutar e providentemente se nos adverte que somos pecadores e devemos rogar pelos nossos pecados! Pois, ao pedirmos a misericórdia de Deus, tomamos consciência de nós mesmos. Para que ninguém se contente consigo, presumindo-se inocente, nem avance ainda mais para a morte, exaltando-se, está essa ordem de rezarmos cada dia pelos próprios pecados, lembrando-nos que pecamos diariamente. Disso, aliás, também nos previne João, em sua epístola: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está conosco. Se, porém, confessarmos nossos pecados, o Senhor é fiel e justo para perdoá-los” [19]. Aqui estão duas ideias: devemos rogar pelos nossos pecados, e conseguiremos a indulgência quando o fizermos. Por isso, diz-se que o Senhor é fiel no cumprimento de sua promessa, isto é, fiel no perdão dos

pecados: ensinou-nos a orar nessa intenção, prometendo a indulgência e a misericórdia de um Pai.

Mas vem logo indicada, claramente, a condição segura e o penhor de nossa prece, a maneira como devemos fazê-la: peçamos para nós o perdão das dívidas na medida em que perdoarmos aos nossos devedores; não podemos conseguir o que pedimos para os nossos pecados se não fizermos o mesmo em relação aos nossos devedores. Nesse sentido, lê-se em outro lugar: “Na medida em que medirdes, sereis medidos” [20]. Assim, aquele servo que recebera do senhor o perdão de toda a sua dívida e, a seguir, não quis fazer o mesmo para o companheiro, foi preso e encarcerado. O senhor retirou-lhe o perdão porque lhe faltou indulgência para com o companheiro. Outra vez, mais fortemente ainda, Cristo propõe, entre seus preceitos, este princípio: “Se ides orar e tendes alguma coisa contra alguém, perdoai-o antes, para que o vosso Pai celeste, igualmente, vos perdoe os pecados. Se, porém, não perdoardes, vosso Pai do céu também não perdoará os vossos pecados” [21]. Não te restará, pois, a menor escusa no dia do juízo, quando fores julgado conforme tua sentença. Como fizeste, assim te será feito.

Deus preceituou que devemos ser pacíficos, concordes e unânimes em sua casa. Ele quer que perseveremos tais como nos fez pelo segundo nascimento, a fim de que permaneçam na sua paz os que vivemos em Deus e tenhamos uma só alma e um só sentir os que temos um só Espírito. Deus não aceita o sacrifício do dissidente. Manda que volte do altar e se reconcilie antes com o irmão para ser benigno e obter a benignidade de Deus. O máximo sacrifício, aos olhos de Deus, é a nossa paz e concórdia fraternal, é o povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Manda-nos ainda o Senhor que digamos na oração: “E não nos deixes cair em tentação”. Isto mostra que o adversário nada pode contra nós sem uma permissão de Deus. Assim, voltar-se-á para o Senhor todo nosso temor, zelo e devoção; pois nada é possível ao Maligno, no sentido de tentar-nos, sem a divina permissão.

Prova-o a divina Escritura: “Veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e atacou-a; o Senhor entregou-a em suas mãos” [22]. E o poder contra nós é dado a ele segundo os nossos pecados, pois está escrito: “Quem entregou Jacó ao massacre e Israel aos espoliadores? Não foi Deus, contra quem pecaram, cujas vias não quiseram seguir e cuja lei não quiseram ouvir, que dirigiu para eles a ira de sua alma?” [23]. E também a respeito de Salomão, quando pecou e se afastou dos caminhos do Senhor: “O Senhor excitou Satanás contra Salomão” [24].

De duas maneiras é dado poder contra nós: para castigo, quando pecamos; para glória, quando somos provados. Isso aparece concretamente no caso de Jó, por revelação do próprio Deus: “Eis, tudo que é dele coloco em teu poder; cuida, porém, de nele não tocares” [25]. No Evangelho, diz o Senhor sobre o tempo da paixão: “Nenhum poder terias contra mim, se não te fosse dado do alto” [26].

Rogando para não cair em tentação, lembramo-nos de nossa fraqueza e miséria, para não nos exaltarmos insolentemente, considerando orgulhosamente algo como nosso, nem julgarmos que nossa glória está na confissão do martírio. Pois, ensinando-nos a humildade, diz o Senhor: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca” [27]. Antepõe, assim, a confissão humilde e submissa à prece, atribui tudo a Deus a fim de

obteres da sua misericórdia o que pedires com temor e reverência.

Depois disto tudo, completando a oração, vem a petição final que, numa síntese brevíssima, conclui todos os nossos pedidos e súplicas. Dizemos, em último lugar: “Livra-nos de todo o mal”, abrangendo com esta palavra as adversidades que o inimigo possa maquinar contra nós neste mundo. Contra todas as suas tramas estaremos firmes e seguros se Deus nos livrar delas, se conceder seu auxílio aos que lhe suplicam e imploram. Tendo dito “Livra-nos do mal”, nada mais resta a pedir, pois já pedimos, de uma só vez, a proteção de Deus contra o mal; conseguida essa proteção, estamos seguramente guardados contra as maquinações do diabo e do mundo. Com efeito, que se poderá temer no mundo se se tem a Deus por guardião?

Referências Bíblicas:

1. Jo 1,11-12
2. Dt 33,9
3. Mt 8,22
4. 1Sm 2,30
5. 1Cor 6,19-20
6. Lv 20,26; 1Pd 1,16
7. 1Cor 6,9-11
8. Mt 25,34
9. Mt 26,39
10. Jo 6,38
11. 1Jo 2,15-17
12. Jo 6,51
13. Jo 6,53
14. Lc 14,33
15. Mt 6,34
16. 1Tm 6,7-10
17. Lc 12,20
18. Mt 18,32
19. 1Jo 1,8-9
20. Mt 7,2
21. Mc 11,25-26 (cf. Mt 6,14-15)

SÃO CIPRIANO, BISPO DE CARTAGO

- 22. Dn 1,1-2
- 23. Is 42,24-25
- 24. 1Rs 11,14
- 25. Jó 1,12
- 26. Jo 19,11
- 27. Mt 26,41

FONTE: GOMES, Cirilo Folch, OSB. Antologia dos Santos Padres. Coleção “Patrologia”. Ed. Paulinas, São Paulo, 1985.

Da inutilidade dos ídolos

Tradução: Luiz Fernando Karps Pasquotto



1. Estes que não são deuses, os quais as pessoas comuns adoram, são conhecidos por isto. Eles eram anteriormente reis que, por conta de suas memórias reais, começaram a ser adorados por seus povos, mesmo depois de mortos. Desde então, templos foram erigidos em honra deles; desde então, imagens foram esculpidas para conservar as expressões do falecido; e homens sacrificaram vítimas e celebraram dias de festas com a intenção de lhes dar honras. Então, para os que vieram depois, estes ritos tornaram-se sagrados, os quais, primeiramente, foram adotados como um conforto. E agora vamos ver se esta verdade é sensata em casos particulares.

2. Melicertes e Leucothea são precipitados no mar e tornam-se divindades do mar. Os Castores morreram periodicamente para que possam viver. Esculápio é atingido por um raio para que possa se transformar em um deus. Hércules, para que possa se transformar em um deus, é queimado nas chamas de Oeta. Apolo alimentou os rebanhos de Admeto; Netuno erigiu muralhas para Laomedon e, infelizmente, não recebeu pagamento por seu trabalho. A caverna de Júpiter é para ser vista em Creta, e sua sepultura é mostrada; e é manifestado que Saturno foi expulso por ele, e que por ele Lácio recebeu seu nome, como sendo seu esconderijo. Ele foi o primeiro que ensinou a grafar as letras; ele foi o primeiro que ensinou a cunhar dinheiro na Itália e,

além disso, o tesouro é chamado tesouro de Saturno. E ele também foi o cultivador da vida rústica e, por isso, é representado como um homem velho carregando uma foice. Jano o recebeu com hospitalidade quando ele foi expulso e também é chamado Janículo. O mês de Janeiro recebe seu nome dele. Ele mesmo é retratado com duas faces, pois, posto no meio, parece olhar igualmente em direção ao começo e ao fim do ano. Os Mauri, de fato, manifestamente adoram reis e não ocultam seus nomes por nenhum disfarce.

3. Por causa disso, a religião politeísta muda a cada nação e província, na medida em que nenhum deus é adorado por todos, mas cada um adora o seu ancestral de forma peculiar. Para comprovar que isso é assim, Alexandre, o Grande, escreveu em um volume endereçado a sua mãe que, através de seu poder, a doutrina dos deuses que era mantida em segredo foi aberta a ele por um sacerdote, pois esta era a memória dos ancestrais e reis que eram realmente mantidos, e que por causa disso os ritos de adoração e sacrifício cresceram. Mas, se deuses nasciam em qualquer tempo, por que eles não nascem atualmente também? A menos que, de fato, Júpiter tenha crescido muito velho, ou a faculdade de suportar tenha reprovado Juno.

4. Mas por que pensais que os deuses podem valer-se em nome dos Romanos, quando vê-se que não podem fazer nada por si mesmos? Pois sabemos que os deuses dos Romanos são ingênuos. Rômulo foi feito deus pelo falso testemunho de Prócuro, e Pico, e Tiberino, e Pilumno, e Cônso, que, como um deus da traição, teve que ser adorado, apenas como se ele tivesse sido um deus dos advogados, quando sua perfídia resultou no estupro das Sabinas. Tácio também criou e adorou a deusa Cloacina; Hortílio, Terror e Pálida. Logo, eu não sei por quem, Febre foi dedicada, e Acca

e Flora às prostitutas. Estes são os deuses romanos. Mas Marte é um trácio, Júpiter é cretense; Juno é de Argos ou da Samos ou de Cartago; Diana é de Tauro, e a mãe dos deuses, de Ida; há ainda os monstros egípcios, que não são deuses, os quais, asseguradamente, se tivessem algum poder, teriam preservado a si mesmos e aos seus povos. Certamente há entre os romanos, também, o vencido Penates, o qual o fugitivo Eneias introduziu com a finalidade de ser adorado. Há também Vênus, mais desonrada pelos seus atos em Roma que por ter sido ferida, de acordo com Homero.

5. Reinos não se elevam à supremacia através do mérito, mas sim pelo acaso. Um dos impérios foi formado pela união dos assírios, medos e persas; e nós sabemos, também, que os gregos e egípcios tiveram seu período de glória. Depois, pela variação de poder, o período de glória passou para os romanos e para outros. Mas, se retornarmos às suas origens, ficaremos corados. Tais povos foram unidos pela imoralidade e por seus crimes, e a impunidade de seus crimes cresceu; e seu rei tornou-se um criminoso, pois Rômulo tornou-se um fraticida. Eles roubam, praticam a violência, enganam na intenção de aumentar a população do Estado; seus casamentos consistem na quebra da hospitalidade e em lutas cruéis com seus sogros. O consulado, além disso, é o mais alto grau de honra em Roma, pois sabemos que o consulado existe desde que o reino foi fundado. Brutus pôs seus filhos à morte para que a consideração de sua dignidade pudesse aumentar pela aprovação de sua maldade. O reino romano, entretanto, não cresceu da santidade da religião, nem da sorte e do augúrio, mas mantém seu tempo marcado dentro de um limite definido. Além disso, Régulo observava a adivinhação pelo voo dos pássaros, mas foi feito prisioneiro; e Mancino observava suas obrigações religiosas, mas foi subjugado. Paulo tinha galinhas que se alimentavam, mas foi

morto em Canas. Caio César desprezou os augúrios e as previsões que se opunham ao envio de seus navios à África antes do inverno, e facilmente navegou e conquistou-a.

6. De todos estes, porém, o princípio é o mesmo que engana e ilude, e com truques que escondem a verdade, conduzem um crédulo simples e tolo ao erro. Eles são espíritos impuros e vagantes que, depois de terem sido macerados em vícios terrestres, partiram do vigor celestial deles pelo contágio da terra, e não cessam, quando arruinam a si mesmos, de buscar a ruína de outros; e quando se degradam, infundem em outros o erro de sua própria degradação. Estes demônios os poetas também reconhecem, e Sócrates declarou que ele foi instruído e regido pela guarda de um demônio; e por isso os Magos têm um poder tanto para dano como para escárnio, de quem, porém, Hostanes diz que a forma do verdadeiro Deus não pode ser vista, e declara que anjos ficam rodando em volta do trono d'Ele. Em que Platão também concorda no mesmo princípio, e, mantendo um Deus, chama o reto de anjos ou demônios. Além disso, Hermes Trismegisto fala de um Deus e confessa que Ele é incompreensível e além de nossa estimação.

7. Estes espíritos, então, estão espreitando debaixo das estátuas e imagens consagradas: eles inspiram os peitos de seus profetas com seu sopro, animam as fibras das entranhas, dirigem os voos dos pássaros, regem os lotes, dão eficiência aos oráculos, sempre estão misturando falsidade com verdade, porque são ambos enganados e enganadores; eles perturbam suas vidas, eles inquietam seus sonhos; seus espíritos também rastejam em seus, secretamente atormentando suas mentes; torcem seus membros, destroem suas saúdes, excitam doenças para forçar sua adoração, de forma que, quando o altar está saturado com o vapor das

pillas de gado, lhes dá a impressão de terem soltado o que tinham ligado, e assim pareça terem efetuado uma cura. O único remédio deles é quando seus próprios danos cessam; nem têm eles qualquer outro desejo além de chamar os homens para longe de Deus, e os levar para longe da compreensão da verdadeira religião, levando-os para a superstição com respeito a si mesmos; e desde que eles mesmos estão debaixo do castigo, (desejam) buscar para si companheiros no castigo, os quais podem, pelo engano deles, torná-los cúmplices em seus crimes. Porém, estes, quando forçados por nós através do verdadeiro Deus, imediatamente se rendem, e são constrangidos a saírem dos corpos possuídos. Você pode vê-los na nossa voz, e pela operação da majestade escondida, atingidos duramente com faixas, queimados com fogo, esticados com o aumento de um castigo crescente, uivando, gemendo, pedindo, confessando de onde eles vieram e quando partem, até mesmo ouvindo falar dessas muitas pessoas que os adoram, e qualquer um que pula adiante imediatamente ou desaparecendo gradualmente, até mesmo como a fé do sofredor vem em ajuda, ou a graça dos efeitos de curandeiro. Consequentemente, eles urgem as pessoas comuns para detestarem nosso nome, de forma que os homens comecem a nos odiar antes deles nos conhecerem, pois conhecendo-nos ou eles deveriam nos imitar, ou eles não teriam motivo para condenar-nos.

8. Portanto, o único Senhor de tudo é Deus. Sendo sublime, não pode possivelmente ter qualquer obrigação, pois só Ele possui todo o poder. Além disso, nos deixe pegar emprestado uma ilustração para o governo divino da terra. Sempre que se fez uma aliança em realeza, não começaram elas em boa fé e terminaram em derramamento de sangue? Assim, a fraternidade dos Tebanos estava quebrada, e a discórdia durou até mesmo na morte, na desunião de suas

cinzas. E um reino não pode conter os gêmeos romanos, embora o abrigo de um útero os tenha segurado. Pompeu e César eram parceiros, e não mantiveram o laço de sua relação no poder invejoso deles. Não deve você se maravilhar disto em relação ao homem, já que nisto estão todos os consentimentos da natureza. As abelhas têm um rei; os rebanhos têm um líder e uma regra. Suficiente é a Regra do mundo todo; quem comanda todas as coisas, tudo o que eles são, com sua Palavra, os dispõe por sua Sabedoria, e os realiza por seu poder.

9. Ele não pode ser visto – Ele é muito luminoso para visão; nem compreendido – Ele é muito puro para nosso discernimento; nem calculado – Ele é muito grande para nossa percepção; e, portanto, nós só estamos O calculando meritoriamente quando nós dizemos que Ele é inconcebível. Mas que templo pode ter Deus, de quem templo o mundo inteiro é? E enquanto o homem mora longe e distante, devia eu me calar sobre o poder de tal grande majestade dentro de um edifício pequeno? Ele deve ser dedicado em nossa mente; em nosso peito Ele deve ser consagrado. Nem deve você perguntar o nome de Deus. Deus é o nome d’Ele. Entre esses há necessidade de nomes onde uma multidão é para Ele distinguido por apropriadas características de títulos. Para Deus que é só, pertence todo o nome de Deus; então Ele é único, e Ele na sua totalidade está em todos os lugares. Pois até mesmo as pessoas comuns em muitas coisas naturalmente confessam Deus, quando suas mentes e almas são prevenidas de seu autor e origem. Nós frequentemente ouvimos dizer: “Ó Deus,” e “Deus vê” e “Eu recomendo para Deus” e “Deus o dá,” e “Como vai Deus,” e “Se Deus deveria conceder”; “E esta é a mesma altura de pecadores, recusar o conhecimento d’Ele”, o qual você não pode conhecer.

10. Mas aquele Cristo é o caminho pelo qual a salvação passou a nós, pois esta é a maneira, o plano, pois esta maneira, é o meio. Em primeiro lugar, um favor com Deus foi dado aos judeus. Assim, eles de velhos eram íntegros; assim, seus antepassados eram obedientes aos compromissos religiosos d'Eles. Por isso, com eles, suas regras sublimes floresceram, e a grandeza da raça d'Eles avançou. Mas subsequentemente, tornando-se negligentes de disciplina, orgulhosos, e erguendo a cabeça com confiança aos seus pais, eles menosprezaram os preceitos divinos e perderam o favor conferido neles. Mas como o profano se tornou a vida d'Eles, a ofensa para a religião violada d'Eles foi contraída, até eles mesmos aguentam testemunhar, desde que, embora eles estejam calados com suas vozes, eles confessem isto pelo seu fim. Se espalhado e se desgarrado, eles vagam; desterrados da própria terra d'Eles, eles são lançados na hospitalidade de estranhos.

11. Além disso, Deus previamente tinha predito que isto aconteceria, de como as eras passariam, e que o fim do mundo estava próximo; Deus irá juntar para Ele todas as nações, e as pessoas, e lugares, adoradores muito melhores em obediência e mais fortes na fé, de que tiraria o presente divino de clemência que os judeus tinham recebido e tinham perdido por menosprezarem suas ordenações religiosas. Portanto, desta clemência e graça são enviados a Palavra e Filho de Deus como o dispensador e mestre, o qual por todos os profetas antigos foi anunciado como o iluminador e professor da raça humana. Ele é o poder de Deus, Ele é a razão, Ele é sabedoria e glória; Ele foi concebido por uma virgem; por ação do Santo Espírito, Ele é dotado com carne; Deus é entrosado com homem. Este é nosso Deus, este é Cristo que, como o

mediador dos dois, tornou-se homem, o qual Ele pode conduzir para o Pai. O que o homem é, Cristo estava disposto ser, para que o homem também possa ser o que o Cristo é.

12. E os judeus sabiam que o Cristo estava para vir, pois Ele sempre foi anunciado a eles pelos profetas. Mas o advento d'Ele, sendo significado a eles duplamente – primeiro, o que deveria descarregar o ofício e exemplo de um homem; segundo, o outro que deveria declará-lo como Deus – eles não entenderam o primeiro advento que precedeu, como sendo escondido em sua paixão, mas acreditam no único que será manifesto em poder. Mas para que os judeus não pudessem entender isto, era em razão do deserto de seus pecados. Eles foram castigados, assim, pela cegueira de sua sabedoria e inteligência. Eles eram desmerecedores da vida, tiveram a vida ante seus olhos, e não a viram.

13. Então, quando Cristo Jesus, conforme o que tinha sido previamente predito pelos profetas, arrebanhar para longe dos homens os demônios por sua palavra, e pelo comando de sua voz erguer os paralíticos, limpar os leprosos, iluminar os cegos, dar o poder de movimento para os mancos, elevar os mortos novamente, compelir os elementos para O obedecer como servos, os ventos para O servir, os mares para O obedecer, as mais baixas regiões para render culto a Ele, os judeus, que tinham acreditado nEle somente pela humildade de sua carne e corpo, O consideraram como um feiticeiro pela autoridade de seu poder. Seus mestres e líderes, isto é, aqueles a quem Ele subjugou tanto pela sabedoria como pelo conhecimento, inflamados com ira e estimulados com indignação, finalmente O agarraram e O entregaram a Pôncio Pilatos, que era então o procurador da Síria em nome dos romanos, exigindo com urgência sua violenta e obstinada crucifixão e morte.

14. Que eles fariam isto, Ele também tinha predito; e o testemunho de todos os profetas O tinha precedido de certa forma, que era necessário que Ele sofresse; não que Ele pudesse sentir a morte, mas que Ele poderia conquistar a morte, e que, quando Ele deveria ter sofrido, Ele deveria retornar novamente ao céu, para mostrar o poder da majestade divina. Então, o curso de eventos cumpriu a promessa. Pois, quando crucificado, o ofício do executor sendo antecipado, Ele de próprio teve seu espírito tomado, e no terceiro dia, livremente ressuscitou da morte. Ele apareceu aos seus discípulos como Ele tinha sido. Ele deu a si mesmo para o reconhecimento daqueles que o viram, reunidos juntos com Ele; e sendo evidente pela substância de sua existência corporal completamente existente, Ele retirou-se durante quarenta dias nos quais eles poderiam ter sido instruídos por Ele nos preceitos da vida, e poderiam aprender o que eles estavam para ensinar. Então, em uma nuvem que os rodeou, Ele foi erguido para o céu como um conquistador que Ele poderia trazer ao Pai, Homem o qual Ele amou, quem Ele pôs acima, quem Ele protegeu da morte; logo virá do céu para o castigo do diabo e para o julgamento da raça humana, com a força de um vingador e com o poder de um juiz; ainda os discípulos, espalhados em cima do mundo, à licitação que seu Mestre e Deus deu adiante seus preceitos para salvação, homens para guiar os cegos até a luz, e deu olhos aos cegos e ignorantes para o reconhecimento da verdade.

15. E como a prova poderia não ser menos significativa, e a confissão de Cristo poderia não ser uma questão de prazer, eles são experimentados por torturas, através de crucificações, por muitos tipos de castigos. A dor, que é o

teste da verdade, é trazida para mostrar que Cristo, o Filho de Deus, o qual é confiado aos homens por suas vidas, não só poderia ser anunciado pela voz, mas pelo testemunho dos sofrimentos. Então, nós O acompanhamos, nós O seguimos, nós O temos como o Guia de nosso caminho, a Fonte da luz, o Autor da salvação, prometendo tanto o Pai como o céu para esses que buscam e acreditam. O que o Cristo é, nós os cristãos deveremos ser, se nós imitarmos o Cristo.

FONTE: <http://www.veritatis.com.br>

Cartas de São Cipriano

1. Carta de Cipriano, do local onde se escondeu ao começar a perseguição de Décio, aos presbíteros e diáconos de Cartago; início do ano 250.

(Carta 5: Migne 4; BAC 241, 377-378)



Cipriano aos presbíteros e diáconos, seus irmãos caríssimos, saudações.

Saúdo-vos, encontrando-me bem pela graça de Deus, irmãos caríssimos, e alegre-me ao saber que não há novidades no que se refere à vossa saúde. E já que as circunstâncias não permitem que eu esteja agora convosco, peço-vos, em razão da vossa fé e religião, que desempenheis as vossas funções e as nossas, de modo que nada falte no que diz respeito à disciplina e ao zelo. Quanto ao fornecimento de recursos, peço que nada falte, tanto aos que, por confessarem gloriosamente ao Senhor, estão na prisão, quanto aos que, estando em pobreza e necessidade, permanecem, no entanto, fiéis ao Senhor; pois todo o dinheiro recolhido aí está distribuído entre os membros do clero para casos deste tipo, de modo que muitos possam suprir as necessidades e dificuldades particulares.

Também vos peço que não diminua o vosso zelo e interesse para que a tranquilidade não seja perturbada. Claro que os irmãos estão desejosos, pelo grande afeto que lhes

têm, de visitar os bons confessores, que a graça divina já tornou ilustres com um glorioso começo; no entanto, creio que isso deve ser feito com discrição, não em grupos e em grande número de uma vez, para não excitar com isso a hostilidade e que se negue a permissão de entrar; e, enquanto por excesso quisermos demais, percamos tudo. Assim, providenciai com prudência para que isso seja feito com a maior segurança, de modo que até os presbíteros, que na prisão oferecem o sacrifício diante dos confessores, se alternem por turnos, cada um com um diácono diferente, porque a mudança de pessoas e a variedade dos visitantes diminuam a animosidade. Em tudo, portanto, devemos nos adaptar às circunstâncias com mansidão e humildade, como convém aos servos de Deus, e cuidar da tranquilidade e atender ao povo. Desejo-vos, irmãos caríssimos e amadíssimos, que gozeis sempre de completa saúde e vos lembreis de nós. Saudai toda a comunidade dos irmãos. Saúda-vos o diácono e os que estão comigo. Adeus.

2. Carta de Cipriano, de seu esconderijo, aos presbíteros e diáconos de Cartago, sobre o cuidado da comunidade. Início de 250.

(Carta 7: Migne 36; BAC 241, 383-384)



Cipriano aos presbíteros e diáconos, seus irmãos caríssimos, saudações.

Saúdo-vos, irmãos caríssimos, encontrando-me bem pela bondade de Deus e desejando logo ir ver-vos, para satisfazer o meu desejo, que é o vosso e o de todos os irmãos. No entanto, não há outro remédio senão velar pela paz comum e, embora com pesar meu, estar ausente temporariamente de vós, para não provocar com a minha presença a animosidade e as violências dos gentios e não ser responsável pela perda da paz, já que devemos antes cuidar da tranquilidade de todos. Assim, quando me escreverdes que tudo está em paz e que já posso voltar, ou se Deus se dignar mostrar isso antes, então me reunirei convosco. Pois onde estarei melhor ou mais satisfeito do que onde Deus quis conceder-me a fé e o crescimento? Peço-vos que tenhais extrema solicitude pelas viúvas, pelos enfermos e por todos os necessitados. Mas mesmo para os forasteiros, se forem necessitados, tomai socorros do meu pecúlio que deixei sob a guarda de Rogaciano, nosso copresbítero. E, caso este fundo já tenha sido distribuído, remeti ao mesmo Rogaciano outra quantia por meio do acólito Narico, para que, com toda generosidade e prontidão, possa ser feita a distribuição. Desejo-vos, irmãos caríssimos, constante e completa saúde.

3. Carta de Cipriano aos presbíteros e diáconos de Cartago, sobre o problema dos lapsi verão de 250.

(Carta 18: Migne 12; BAC 241, 422-423)



Cipriano aos presbíteros e diáconos, seus irmãos, saudações.

Estou surpreso por vós, irmãos caríssimos, não terdes respondido às muitas cartas que frequentemente vos envio, dado que a utilidade e a necessidade da comunidade dos nossos irmãos exigem, sem dúvida, que eu seja informado por vós sobre os assuntos a resolver, e assim possa tomar as decisões adequadas. Mas, como vejo que não há oportunidade de me reunir convosco, e já começou o verão, época em que costumam surgir doenças graves e frequentes, considero que se deve ajudar os irmãos. Assim, aqueles que receberam bilhetes de recomendação dos mártires e podem ser ajudados por sua intercessão diante de Deus, se estiverem em perigo ou doentes, sem esperar pela minha presença, podem cumprir a exomologese de seu pecado diante de qualquer presbítero presente ou, se não houver um presbítero e o perigo de morte for iminente, diante de um diácono também, para que, imposta a mão como sinal de reconciliação, possam ir ao Senhor com a paz que os mártires pediram em suas cartas que lhes fosse concedida.

Quanto ao resto do povo que caiu, assisti-os com vossa presença e confortai-os com vossos auxílios, para que não se afastem da fé e da misericórdia do Senhor. Não devem, portanto, ser privados da ajuda e do socorro do Senhor aqueles que, com mansidão e humildade, e verdadeiramente arrependidos, perseveraram em suas boas intenções, pois também a eles deve ser oferecido o remédio divino. Não deve faltar, igualmente, a vossa solicitude para com os catecúmenos, se lhes sobrevier perigo e extremo risco de morte, e, se implorarem o perdão de Deus, não lhes seja negada a misericórdia do Senhor.

Desejo-vos, irmãos caríssimos, que sempre desfruteis de boa saúde e vos lembreis de mim. Um abraço de minha parte a toda a comunidade dos irmãos, e recomendai-lhes que se lembrem de mim. Adeus.

4. Carta de Cipriano aos presbíteros, diáconos e a todo o povo de Cartago, sobre os méritos de um confessor; outono de 250.

(Carta 40: Migne 35; BAC 241, 484-485)



Cipriano aos seus irmãos amadíssimos e desejadíssimos, os presbíteros, diáconos e a todo o povo, saudações.

É meu dever anunciar-vos, irmãos caríssimos, as notícias que podem trazer alegria a todos e dizem respeito à maior honra da nossa Igreja. De fato, deveis saber que a bondade divina nos advertiu e intimou a inscrever no número dos presbíteros de Cartago o presbítero Numídico e admiti-lo a sentar-se entre o nosso clero, sendo ele tão ilustre pela brilhante conduta de sua confissão e tão eminente pelo prestígio que seu valor e fé lhe conferiram. Além disso, ele enviou à frente, graças às suas exortações, uma falange de gloriosos mártires que morreram apedrejados e queimados, e até contemplou com alegria sua esposa, fiel ao seu lado, enquanto ela se consumia no meio das chamas com os demais, e eu diria até que se conservava. Ele mesmo, meio queimado e meio enterrado pelas pedras, foi dado como

morto; depois, quando sua filha, com sentimentos de piedade filial, buscava o cadáver de seu pai, foi quando o encontrou ainda respirando, e, retirado e confortado, ficou, contra sua vontade, separado de seus companheiros, a quem ele mesmo havia enviado à frente. Mas o motivo de ficar foi, como vemos, para que o Senhor o agregasse ao nosso clero e dotasse de prestigiosos sacerdotes o nosso grupo, desolado pela queda de alguns presbíteros.

Certamente, ele será promovido, com a permissão de Deus, a um posto mais elevado da Igreja quando, com a graça de Deus, estivermos presentes. Enquanto isso, cumpra-se o que foi indicado: recebamos com ação de graças este dom de Deus, esperando da misericórdia do Senhor muitos benefícios deste tipo, para que o vigor retorne à sua Igreja e Ele conceda, para nossa honra, que se sentem conosco nas assembleias presbíteros tão mansos e humildes.

Desejo-vos, irmãos caríssimos e desejadíssimos, que conserveis sem interrupção a saúde plena.

5. Carta de Cipriano a Sucesso; começou a perseguição de Valeriano; agosto de 258.

(Carta 80: Migne 82; BAC 241, 737-738)



Cipriano a Sucesso, seu irmão, saudações.

A razão pela qual não vos escrevi imediatamente, irmão caríssimo, foi que todos os clérigos, submetidos ao

golpe do combate, não podiam sair daqui de forma alguma, dispostos todos, conforme o favor de suas almas, para a coroa de Deus e do céu. Deveis saber que chegaram os que eu havia enviado a Roma para que nos trouxessem a verdade do que foi decretado sobre nós, seja o que for. Pois circulam e se espalham rumores diversos e incertos. A verdade é o seguinte: Valeriano enviou um rescrito ao Senado, ordenando que os bispos, presbíteros e diáconos fossem executados imediatamente; que os senadores, homens de altas funções e cavaleiros romanos fossem despojados de seus bens, além de sua dignidade, e, se persistirem no cristianismo, após serem despojados de tudo, sejam decapitados; as matronas, por sua vez, perderão seus bens e serão relegadas ao exílio; aos cesarianos, quaisquer que tenham confessado antes ou confessem agora, seus bens serão confiscados, e serão encarcerados e enviados às possessões do imperador, levantando-se um registro disso. O imperador Valeriano acrescentou ao seu rescrito uma cópia da carta dirigida aos governadores das províncias sobre nós. Estamos esperando a cada dia que essa carta chegue, mantendo-nos firmes na fé, dispostos ao martírio, e esperando da ajuda e misericórdia do Senhor a coroa da vida eterna. Sabei que Sixto foi degolado no cemitério no dia seis de agosto, e com ele quatro diáconos. E os prefeitos de Roma ativam diariamente essa perseguição, executando os que lhes são apresentados e destinando seus bens ao fisco.

Peço-vos que comuniquéis esses acontecimentos aos nossos demais colegas, para que eles exortem em todos os lugares as comunidades de fiéis e as fortaleçam e preparem para o combate espiritual, e todos e cada um dos nossos não pensem tanto na morte quanto na imortalidade, e, entregues com plena confiança e total decisão ao Senhor, se alegrem com essa oportunidade de confessá-Lo mais do que a temam,

pois sabem que os soldados de Deus e de Cristo não são exterminados, mas coroados.

Desejo-vos, irmão caríssimo, sempre perfeita saúde.

6. Carta de Cipriano aos presbíteros, diáconos e a todo o povo de Cartago, sobre sua atitude e a dos demais diante da nova perseguição; agosto de 258.

(Carta 81: Migne 83; BAC 241, 739-740)



Cipriano aos presbíteros, diáconos e a todo o povo, saudações.

Tendo chegado ao meu conhecimento, irmãos caríssimos, que foram enviados frumentários para me levar a Útica, e tendo-me aconselhado os amigos mais queridos a afastar-me momentaneamente dos meus jardins, consenti nisso por um motivo justo, pois convém que o bispo dê testemunho do Senhor na cidade onde preside à Igreja do Senhor e glorifique com a confissão do chefe em pessoa todo o povo.

O que um bispo confessor diz no momento da confissão, sob a inspiração de Deus, diz em nome de todos. Ao contrário, o honor da nossa Igreja tão gloriosa seria mutilado se eu, que sou bispo de outra Igreja, tivesse a sentença ditada em Útica pela confissão de Cristo e, como consequência,

sofresse o martírio, pois eu rogo com contínuas orações e desejo de todo o coração fazer a confissão no meio de vós e padecer ali, e daí partir para o Senhor. Portanto, esperamos aqui, neste retiro secreto, o retorno do procônsul de Cartago, para saber dele o que os imperadores decidiram sobre os cristãos leigos e os bispos, e diremos o que o Senhor dispuser que seja dito nesse momento. Vós, irmãos caríssimos, conforme a doutrina que sempre recebestes de mim sobre os mandamentos do Senhor, e conforme o que aprendestes de meu ensino tantas vezes, mantende-vos em paz e tranquilidade, e nenhum de vós promova qualquer alteração entre os irmãos, nem se apresente espontaneamente aos gentios. Se for apreendido e entregue aos magistrados, deve falar, pois falará por nós naquele momento Deus, que preferiu uma confissão a uma profissão. Sobre o que convém fazer quanto ao resto, disporemos no local, com a inspiração do Senhor, antes que o procônsul dite a sentença sobre a minha confissão do nome de Deus.

Que o Senhor Jesus, irmãos caríssimos, vos mantenha salvos em sua Igreja e se digne conservar-vos.

FONTE: A obra de São Cipriano está publicada com sua versão em castelhano por J. Campos, Obras de São Cipriano, BAC n. 241, Madrid, 1964, de onde foram retirados os fragmentos acima.

ANTOLOGIA

O homem novo - de Deus vem a força para viver santamente



Quando eu me encontrava mergulhado nas trevas e na noite cerrada, balançando e flutuando no mar agitado do mundo, cheio de dúvidas em busca de sinais enganadores, ignorante da minha própria vida, estranho à verdade e à luz, parecia-me que, segundo o meu modo de vida naquele momento, seria extremamente difícil e duro o que a misericórdia divina me prometia para a minha salvação, a saber, poder renascer de novo e, com a lavagem da água salvadora, começar uma nova vida, desfazendo-me de tudo o que era antes e mudar o modo de sentir e entender do homem, embora o corpo permanecesse o mesmo. Como pode ser possível, dizia eu, uma conversão tão grande, pela qual, de repente e em um momento, alguém se despoje daquilo que é congênito e adquiriu a solidez da própria natureza, ou daquelas coisas adquiridas há muito tempo e que enraizaram e envelheceram com os anos? Essas coisas estão solidamente arraigadas, com raízes profundas. Quando aprenderá a temperança aquele que já está acostumado a bons jantares e grandes banquetes? Aquele que costumava brilhar por sua elegância, vestido ricamente de ouro e púrpura, quando poderá vestir-se com a roupa simples do povo? Aquele que se deleitava com honras e dignidades não pode permanecer como um simples particular e sem glória. Aquele que sempre era cercado por uma multidão de clientes e se sentia honrado com seu numeroso séquito e seu grupo de servidores,

considera um castigo ter que andar sozinho. Tornaram-se imprescindíveis os estímulos tenazes aos quais alguém se acostumou: animar-se com o vinho, inflar-se com a soberba, inflamar-se de ira, preocupar-se com a rapacidade, excitar-se com a crueldade, deleitar-se com a ambição, entregar-se ao prazer.

Isso eu pensava muitas vezes dentro de mim, pois eu mesmo estava enredado nos muitos erros da minha vida anterior e não acreditava que pudesse me despojar deles... Mas quando a sujeira da minha vida anterior foi lavada pela água regeneradora, uma luz do alto se derramou no meu peito já limpo e puro. Depois que bebi do Espírito celestial, senti-me rejuvenescido com um segundo nascimento e feito um homem novo: de maneira milagrosa, as dúvidas desapareceram de repente, a escuridão se abriu, as trevas se iluminaram, o que antes parecia impossível tornou-se possível... Reconheci que a minha vida anterior, carnal e entregue ao pecado, era coisa da terra, enquanto a que já havia começado a viver pelo Espírito Santo era coisa de Deus... O elogiar a si mesmo é uma soberba odiosa, mas não é soberba, e sim gratidão, proclamar o que se atribui, não ao esforço do homem, mas ao dom de Deus. Deixar de pecar é coisa de Deus, enquanto o pecado anterior era coisa do erro humano. Nosso poder, repito, todo o nosso poder, é coisa de Deus. Dele é a nossa vida, dele a nossa força, dele recebemos e assimilamos a nossa vitalidade pela qual, ainda neste mundo, reconhecemos os sinais das coisas futuras¹.



A perseguição é uma purificação da vida cristã



O Senhor quis pôr à prova os seus filhos. Uma longa paz havia corrompido em nós os ensinamentos que o próprio Deus nos havia dado, e foi necessária a repreensão do céu para levantar a fé que estava decaída e quase adormecida; e embora os nossos pecados merecessem maior severidade, o Deus misericordiosíssimo ordenou todas as coisas de tal modo que tudo o que aconteceu parece ser mais uma prova do que uma perseguição. Cada um se preocupava em aumentar seus bens e, esquecendo-se da fé e do que antes se costumava praticar no tempo dos apóstolos e que sempre deveria ser praticado, entregava-se com uma cobiça insaciável e abrasadora a aumentar suas posses. Nos sacerdotes já não havia piedade religiosa, não havia aquela fé íntegra no desempenho do seu ministério, aquelas obras de misericórdia, aquela disciplina nos costumes. Os homens se corrompiam cuidando da barba, as mulheres preocupadas com sua beleza e maquiagem: adulterava-se a forma dos olhos, obra das mãos de Deus; os cabelos eram tingidos com cores falsas. Com astutos enganos, iludiam-se os simples, e com intenções tortuosas abusava-se dos irmãos. Celebravam-se casamentos com os infiéis, e prostituíam-se aos gentios os membros de Cristo. Não só se jurava temerariamente, mas também se perjurava; desprezavam-se os superiores com soberba inchada, blasfemava-se com língua venenosa, despedaçavam-se uns aos outros com ódios pertinazes. Muitos bispos, que deveriam ser exemplo e exortação para os outros, esqueciam-se do seu ministério divino e tornavam-se servidores dos poderosos do mundo:

abandonavam suas sedes, deixavam o povo desamparado, percorrendo províncias estrangeiras em busca de negócios lucrativos, com ânsia de possuir abundância de dinheiro enquanto os irmãos de suas igrejas padeciam fome; apoderavam-se de bens com fraudes e artilos, e aumentavam seus interesses com usura crescente... Nós, ao esquecermos da lei que nos foi dada, demos com nossos pecados motivo para o que ocorre: já que desprezamos os mandamentos de Deus, somos chamados com remédios severos a nos emendarmos de nossos delitos e darmos prova da nossa fé. Pelo menos, ainda que tarde, nos convertemos ao temor de Deus, dispostos a sofrer com paciência e fortaleza esta admoestação e prova que nos vem de Deus...².



Só com uma verdadeira penitência se alcança o perdão do Senhor



Surgiu, irmãos amadíssimos, um novo tipo de destruição. Como se não bastasse a cruel tempestade da perseguição, acrescentou-se, como ápice dos males, uma falsa e destrutiva brandura que se apresenta sob o título de misericórdia. Contra o vigor do Evangelho, contra a lei de Deus e do Senhor, a audácia de alguns concede laxamente a comunhão aos incautos, como uma paz nula e falsa, cheia de perigos para os que a concedem e de nenhum proveito para os que a recebem. Não buscam a penitência que restabelece a saúde, nem a verdadeira medicina que está na satisfação. A penitência é excluída dos corações, apagando-se a memória

de um delito gravíssimo e supremo. Cobrem-se as feridas dos moribundos, e a chaga mortal oculta nas entranhas é tapada com uma dor falsa. Aqueles que voltam dos altares do diabo aproximam-se do santuário do Senhor com as mãos sujas e infectas dos odores, quase ainda arrotando as iguarias mortíferas dos ídolos: suas bocas ainda exalam o hálito de um crime, precipitando-se sobre o corpo do Senhor quando sua respiração ainda cheira àqueles contágios funestos... Antes de expiarem seus delitos, antes de confessarem seus pecados, antes de purificarem suas consciências com o sacrifício e a mão do sacerdote, antes de aplacarem a ofensa do Deus indignado e ameaçador, fazem violência ao seu corpo e sangue, cometendo então com suas mãos e boca um crime contra o Senhor, maior do que o que cometeram quando o negaram. Isso não é paz, mas guerra: não adere ao Evangelho aquele que se separa da Igreja... Ninguém se engane, ninguém se deixe surpreender. Só o Senhor pode perdoar. Só Ele pode conceder o perdão dos pecados que foram cometidos contra Ele: Ele, que carregou nossos pecados, que padeceu por nós, que foi entregue por Deus por nossos pecados. O homem não pode estar acima de Deus, nem o escravo pode perdoar ou conceder indulgência pelos delitos graves cometidos contra seu Senhor, para que não se acrescente ao que caiu o pecado de não entender o que está predito: "Maldito o homem que põe sua esperança em outro homem" (Jer 17, 5). Ao Senhor deve-se rogar, o Senhor deve ser aplacado com nossa satisfação, pois Ele disse que negaria aquele que O negasse, e que só Ele recebeu do Pai o poder de julgar a todos. Certamente cremos que os méritos dos mártires e as obras dos justos têm grande poder diante deste juiz: mas isso será quando chegar o dia do juízo, quando, após o ocaso deste mundo, seu povo se apresentar diante de seu tribunal³.



As maravilhas do Batismo (A Donato, 3-5)



Quando eu estava prostrado nas trevas da noite, quando naufragava no mar tempestuoso deste mundo e vacilava no caminho do erro sem saber o que seria da minha vida, desviado da luz da verdade, imaginava que seria difícil e duro, na minha situação, o que a misericórdia divina me prometia: que alguém pudesse renascer e que, animado de uma nova vida pelo banho da água da salvação, deixasse o que havia sido e mudasse o homem velho de espírito e mente, embora permanecesse no mesmo corpo humano. Como é possível, dizia eu, tal transformação? Como é possível que, de repente, alguém se despoje do que é congênito à própria natureza ou endurecido por hábitos inveterados? Essas disposições são inquebrantáveis, estão arraigadas com raízes muito profundas. Quando aprenderá a ser sóbrio aquele que se acostumou a esplêndidos jantares e ricos banquetes? Quando se contentará com roupas simples e comuns aquele que sempre se destacou pelo ouro e pela púrpura de seus trajes preciosos? Aquele que goza de dignidades e cargos não suporta ver-se privado deles e viver na obscuridade. Aquele que costuma ser cercado por uma escolta de clientes, cortejado por uma numerosa comitiva de adúladores, considera um tormento ver-se sozinho. Aqueles que se apegaram aos estímulos das paixões precisam, como de costume, ser arrastados pela embriaguez, inflados pela soberba, exaltados pela ira, despedaçados pela cobiça,

provocados pela crueldade, alucinados pela ambição, precipitados pela luxúria.

Isso eu dizia a mim mesmo repetidamente. Pois, como estava preso e enredado em tantos erros da minha vida anterior, dos quais não acreditava poder me libertar, eu mesmo cedia aos meus vícios inveterados e, desesperando de me corrigir, alimentava meus males como se fossem naturais em mim. Mas, depois que as manchas da vida passada foram lavadas pela água da regeneração e a luz foi infundida no meu espírito transformado e purificado, depois que fui mudado em um homem novo por um segundo nascimento pela infusão do Espírito celestial, imediatamente as dúvidas se dissiparam de maneira maravilhosa, o que estava fechado se abriu, as trevas se iluminaram, o que antes parecia difícil tornou-se fácil, o que parecia impossível tornou-se possível. Assim, pude reconhecer que a minha vida anterior, carnal e sujeita aos pecados, vinha da terra, e que o que agora estava animado pelo Espírito Santo era coisa de Deus.

Você mesmo pode compreender e reconhecer comigo o que essa morte dos vícios e essa vida das virtudes nos tiraram e nos trouxeram. Você sabe bem, sem que eu precise proclamar. O elogiar a si mesmo é sempre odioso; mas, neste caso, não se pode dizer que seja autoelogio, e sim gratidão, porque se atribui ao dom de Deus e não às forças do homem, de modo que o não pecar agora é favor da graça, e o ter pecado antes foi efeito da miséria humana. Tudo o que agora podemos é dom de Deus. Dele vivemos, por Ele temos forças, dEle recebemos e sentimos aquele vigor pelo qual, ainda nesta vida, saboreamos os prelúdios da futura. Devemos apenas ter o temor de perder a inocência, para que o Senhor, que por Sua misericórdia infundiu a graça em nossas almas, permaneça satisfeito por nossas boas obras em nosso

espírito, como em Sua morada, para que a segurança concedida não nos torne descuidados e o antigo inimigo não se introduza novamente.

Além disso, se você se mantém firme no caminho da inocência e da justiça, se está unido apenas a Deus com todas as suas forças e com toda a sua alma, não sendo mais do que começou a ser, quanto maior for o aumento da graça em você, maiores serão as suas forças. Não há medida nas graças que recebemos de Deus, como costuma haver nos benefícios humanos. O Espírito, que é derramado com abundância, não é oprimido por limites, nem encerrado em um espaço estreito que o restrinja. Ele flui sem cessar, transborda em Sua abundância, e só precisa que nosso coração se abra e esteja sedento. Quanto maior for a fé que formos capazes de apresentar, maior será a abundância de graça que colheremos.

Então, podemos, por meio de uma castidade austera, uma alma pura, palavras limpas, curar os enfermos, destruir o veneno, purificar as almas dos doentes, devolvendo-lhes a saúde, impor a paz aos inimigos, a calma aos violentos, a mansidão aos iracundos. Podemos expulsar os espíritos imundos e vagabundos que se introduziram nos homens para atormentá-los, repreendendo-os com ameaças, forçando-os com duros açoites a sair, aumentando o castigo se resistirem; se uivam, se gemem, chicoteá-los, queimá-los com fogo. Esse combate ocorre lá, mas não é visto. O mal está oculto, embora o castigo seja manifesto. Por isso, desde que começamos a ser dEle, o Espírito que recebemos age com toda liberdade. Mas, como não mudamos de corpo nem de membros, nossos olhos carnis ainda estão obscurecidos pelas nuvens do século. Que grande dignidade tem a alma! Que grande é o seu poder! Não apenas se libertou do apego pernicioso do mundo, mas, por

sua expiação e pureza, está livre da peste espalhada pelo inimigo, e adquiriu uma força mais poderosa, que se impõe com autoridade sobre todas as legiões do inimigo atacante.

* * * * *

Frutos da paciência (O bem da paciência, 13-16, 19-20)



Somos cristãos pela fé e pela esperança; mas, para alcançar o fruto delas, é necessária a paciência. De fato, não buscamos a glória deste mundo, mas a futura, conforme nos adverte o Apóstolo Paulo quando diz: "Fomos salvos pela esperança. A esperança que se vê já não é esperança; se alguém já vê, como pode esperar o que está vendo? Mas, se esperamos o que não vemos, aguardamos com perseverança" (Rm 8, 24-25).

A espera e a paciência nos são necessárias para completar o que começamos a ser e para alcançar, pela bondade de Deus, o que cremos e esperamos. Em outro lugar, o mesmo Apóstolo recomenda e ensina aos justos e generosos, que guardam seus tesouros no céu com o cêntuplo, que tenham paciência, dizendo: "Não nos cansemos de fazer o bem, pois a seu tempo colheremos, se não desanimarmos. Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé" (Gl 6, 9-10). Adverte que ninguém, por impaciência, desanime no bem fazer; que ninguém, tentado ou vencido pela tentação, desista no meio de sua gloriosa carreira e perca o fruto do que

ganhou, por deixar incompleto o que começou, como está escrito: "A justiça do justo não o livrará no dia em que se desviar" (Ez 33, 12); e em outro lugar: "Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa" (Ap 3, 11). Essas palavras exortam a continuar com paciência e tenacidade, para que aquele que está próximo de alcançar a coroa a obtenha pela perseverança.

Assim, a paciência, irmãos amadíssimos, não apenas conserva o bem, mas repele o mal. Quem segue o impulso do Espírito Santo e se apega ao divino e celestial, luta ardentemente, empunhando o escudo de suas virtudes contra as forças da carne, que atacam e subjagam a alma. Vejamos alguns dos muitos vícios, para que o que é dito de poucos seja entendido de todos. O adultério, a fraude, o homicídio são crimes mortais. Que a paciência tenha raízes robustas e profundas no coração, e nunca o corpo consagrado como templo de Deus será manchado pelo adultério, nem a alma dedicada à justiça será corrompida pelo espírito de fraude, nem as mãos que carregaram a Eucaristia serão tingidas de sangue.

A caridade é o vínculo que une os irmãos, o fundamento da paz, a ligação que dá firmeza à unidade; ela é superior à esperança e à fé, supera a esmola e o martírio; ela permanecerá conosco para sempre no céu. No entanto, tire dela a paciência, e ela será devastada; tire dela o suco do sofrimento e da resignação, e ela perderá suas raízes e vigor. Quando o Apóstolo fala da caridade, ele a associa ao sofrimento e à paciência: "A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não se vangloria, não se ensoberbece, não se comporta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor; não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo

sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1 Cor 13, 4-7). Ele indica, assim, que a caridade pode permanecer, porque é capaz de suportar tudo.

E em outro trecho ele escreve: "Suportando-vos uns aos outros com amor, esforçando-vos por manter a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 4, 2). Ele ensina que nem a unidade nem a paz podem ser mantidas se os irmãos não se ajudarem mutuamente e não preservarem o vínculo da unidade com o auxílio da paciência.

O que dizer de não jurar, não falar mal, não exigir o que foi tirado de você; oferecer a outra face após receber um tapa; perdoar seu irmão que o ofendeu não apenas setenta vezes sete, mas todas as ofensas; amar seus inimigos, orar por adversários e perseguidores? Você poderia suportar todos esses preceitos sem a força da paciência? Isso foi cumprido, como sabemos, por Estêvão: sendo apedrejado pelos judeus, ele não pedia vingança contra seus assassinos, mas perdão, dizendo: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (At 7, 60). Era apropriado que ele, o primeiro mártir de Cristo, fosse o modelo dos mártires vindouros com sua morte gloriosa, não apenas pregando a paixão do Senhor, mas imitando Sua imensa mansidão e paciência.

O que dizer da ira, da discórdia, das inimizades, que não devem ter lugar no cristão? Se a paciência estiver no coração, essas paixões não entrarão nele, ou, se tentarem forçar a entrada, serão imediatamente repelidas e se retirarão, de modo que a paz continue a habitar no coração, onde Deus Se deleita em habitar (...).

E para que os benefícios da paciência brilhem ainda mais, irmãos amadíssimos, consideremos, por contraste, os males que a impaciência traz.

Assim como a paciência é um dom de Cristo, a impaciência, pelo contrário, é um dom do diabo; e assim como aquele em quem habita Cristo é paciente, da mesma forma aquele cuja mente está possuída pela maldade do demônio é sempre impaciente.

Em resumo, tomemos as coisas desde o início. O diabo não pôde suportar com paciência que o homem fosse criado à imagem de Deus; por isso, ele primeiro se perdeu e depois perdeu os outros. Adão, impaciente por provar o fruto mortal, contra a proibição de Deus, precipitou-se na morte e não guardou a graça recebida do céu com a ajuda da paciência. Caim, por não poder suportar a aceitação dos sacrifícios e oferendas, matou seu irmão. Esaú perdeu sua primogenitura e tornou-se um segundo por sua impaciência em comer um prato de lentilhas.

Por que o povo judeu, infiel e ingrato aos favores de Deus, se afastou do Senhor, senão por sua impaciência? Incapaz de suportar com paciência a demora de Moisés, que falava com Deus, ousou pedir deuses sacrílegos, chamando de guias de sua peregrinação uma cabeça de touro e uma imagem de argila, e nunca deixou de mostrar sua impaciência, pois nunca suportou as admoestações e o governo de Deus, chegando a matar seus profetas e justos e até a levar à cruz e ao martírio o próprio Senhor.

A impaciência também é a mãe dos hereges; ela, semelhante aos judeus, os faz se rebelar contra a paz e a caridade de Cristo e os lança em ódios funestos e furiosos. E, para não ser prolixo: tudo o que a paciência constrói com sua conformidade para a glória, a impaciência destrói com a ruína.

Portanto, irmãos amadíssimos, após considerar atentamente as vantagens da paciência e as consequências da

impaciência, devemos manter a paciência em todo o seu vigor, pela qual estamos em Cristo e podemos chegar com Cristo a Deus.

Por ser tão rica e variada, a paciência não se limita a limites estreitos nem se confina a termos curtos. Essa virtude se espalha por toda parte, e sua exuberância e profusão vêm de uma única fonte; mas, ao transbordar, as veias da água se espalham por uma infinidade de canais de méritos, e nenhuma de nossas ações pode ser meritória se não receber dela sua estabilidade e perfeição. A paciência é o que nos recomenda e guarda para Deus; modera nossa ira, refreia a língua, dirige nosso pensamento, preserva a paz, endireita a conduta, domina a rebeldia das paixões, reprime o tom do orgulho, apaga o fogo das rixas, contém a prepotência dos ricos, alivia a necessidade dos pobres, protege a santa virgindade das donzelas, a castidade laboriosa das viúvas, a união indivisível dos casados.

A paciência mantém na humildade aqueles que prosperam, torna fortes na adversidade e mansos diante das injustiças e afrontas. Ensina a perdoar imediatamente aqueles que nos ofendem e a orar com fervor e insistência quando nós ofendemos. Ela nos faz vencer as tentações, suportar as perseguições, consumir o martírio. É ela que fortalece os alicerces de nossa fé, eleva nossa esperança, guia nossas ações pelo caminho de Cristo, para seguir os passos de Seus sofrimentos. A paciência nos leva a perseverar como filhos de Deus, imitando a paciência do Pai.



Sem medo da morte (Tratado sobre a peste, 15-26)



É verdade que muitos dos nossos perecem nesta [epidemia de] peste; isso significa que muitos cristãos são libertados deste mundo. Essa mortalidade é uma pestilência para os judeus, gentios e inimigos de Cristo; mas, para os servos de Deus, é uma partida salvadora para a eternidade. Pelo fato de que, sem discriminação, morrem bons e maus, não devemos acreditar que a morte de uns e outros é a mesma. Os justos são levados ao lugar de descanso, os ímpios são arrastados para o suplício; aos fiéis é concedida imediatamente a segurança; aos infiéis, sem demora, o castigo (...).

Quantas vezes me foi revelado, quantas vezes mais claramente me foi ordenado pela bondade de Deus que eu clamasse sem cessar, que pregasse em público que não devíamos chorar por nossos irmãos chamados pelo Senhor e libertos deste mundo, sabendo que eles não estão perdidos, mas nos precedem; que, como viajantes, como navegantes, vão à frente daqueles que ficam para trás; que podemos senti-los falta, mas não chorar por eles e nos cobrir de luto, pois eles já se vestiram com vestes brancas; que não devemos dar aos gentios a oportunidade de nos censurar com razão, de que vivem com Deus e os choramos como perdidos e aniquilados, e não damos provas com sentimentos verdadeiros do que pregamos com palavras. Somos prevaricadores de nossa esperança e fé se o que afirmamos parecer fingido e simulado. De nada adianta mostrar a virtude na boca e desacreditá-la na prática.

Por fim, o Apóstolo Paulo repreende e censura aqueles que se entristecem excessivamente pela perda dos seus. "Não queremos, irmãos, que ignoreis o que acontece com os que dormem, para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará consigo os que dormiram" (1 Ts 4, 13-14). Ele diz que aqueles que não têm esperança se entristecem excessivamente pelos seus. Mas nós, que vivemos na esperança e cremos em Deus e que Cristo sofreu por nós e ressuscitou, e confiamos em permanecer com Cristo e ressuscitar nEle e por Ele, por que nos recusamos a deixar este mundo ou choramos e lamentamos os nossos que partem, como se estivessem perdidos, quando o próprio Cristo, nosso Senhor e Deus, nos adverte e diz: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim não morrerá jamais" (Jo 11, 25-26)? Se cremos em Cristo, tenhamos fé em Suas palavras e promessas, de modo que, não tendo de morrer jamais, vamos alegres e tranquilos a Cristo, com quem triunfaremos e reinaremos para sempre.

Se morrermos, quando chegar a nossa hora, então passamos da morte para a imortalidade, e a vida eterna não pode começar até que deixemos esta vida. Não é realmente uma partida, mas uma passagem e transferência para a eternidade, após correremos esta corrida temporal. Quem não iria para o que é melhor? Quem não desejaria se transformar e mudar o mais rápido possível na forma de Cristo e merecer o dom do céu, como o Apóstolo Paulo proclama: "Nossa pátria está nos céus, de onde esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo humilhado, para ser conforme ao seu corpo glorioso" (Fl 3, 20-21)? Para que estejamos com Ele e nos alegremos com Ele nas moradas eternas e no reino dos céus, Cristo Senhor promete que

seremos assim quando orar ao Pai por nós, dizendo: "Pai, quero que, onde eu estou, estejam também comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo" (Jo 17, 24). Aquele que deve chegar à morada de Cristo, à glória do reino celestial, não deve derramar lágrimas e lamentos, mas, ao contrário, regozijar-se com essa partida e transferência, de acordo com a promessa do Senhor e a fé em seu cumprimento (...).

Devemos pensar, irmãos amadíssimos, e refletir sobre o seguinte: que renunciemos ao mundo e que vivemos aqui como hóspedes e viajantes durante a vida. Abracemos o dia que a cada um assinala sua morada, que nos restitui ao nosso reino e paraíso, uma vez libertos deste mundo e livres de seus laços. Quem, estando longe, não se apressa a voltar para sua pátria? Quem, prestes a embarcar para ir aos seus, não deseja ventos favoráveis para poder abraçá-los o mais rápido possível? Nossa pátria é o paraíso, nossos pais são os patriarcas; por que, então, não nos apressamos e voltamos para ver nossa pátria e saudar nossos pais? Muitos de nossos entes queridos nos esperam lá, a numerosa multidão de pais, irmãos e filhos, seguros de sua salvação, mas ainda preocupados conosco. Que grande alegria será para eles e para nós estar em sua presença e abraçá-los, que prazer desfrutar do reino dos céus sem medo da morte e que felicidade soberana e perpétua com uma vida sem fim! Lá está o coro glorioso dos apóstolos, lá o grupo alegre dos profetas, lá a multidão de inúmeros mártires coroados pelos méritos de sua luta e sofrimentos, lá as virgens que triunfaram da concupiscência da carne com o vigor da castidade, lá os recompensados por sua misericórdia, que fizeram boas obras, socorrendo os pobres com esmolas, que, por cumprir os mandamentos do Senhor, transferiram seu patrimônio

terreno para os tesouros do céu. Corramos, irmãos amadíssimos, com um desejo insaciável atrás deles, para estarmos logo com eles; desejemos chegar logo a Cristo. Que Deus veja esses pensamentos, e que Cristo contemple esses ardentes desejos de nosso espírito e fé; Ele concederá maiores graças de Seu amor àqueles que tiverem maiores desejos d'Ele.



«A esperança nos sustenta»



É um aviso salutar do Senhor, nosso Mestre, que aquele que perseverar até o fim será salvo. E também este outro: "Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos; conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8, 31-32).

Devemos ter paciência e perseverar, irmãos queridos, para que, depois de termos sido admitidos à esperança da verdade e da liberdade, possamos alcançar a verdade e a liberdade em si mesmas. Pois somos cristãos pela fé e pela esperança; mas é necessária a paciência para que essa fé e essa esperança deem fruto.

Não buscamos uma glória presente; buscamos a futura, de acordo com a advertência do Apóstolo Paulo, que diz: "Pois na esperança fomos salvos" (Rm 8, 24). E uma esperança que se vê já não é esperança. Como alguém pode esperar o que já vê? Mas, se esperamos o que não vemos, aguardamos com perseverança. Assim, a esperança e a

paciência nos são necessárias para completar em nós o que começamos a ser e para alcançar, pela concessão de Deus, o que cremos e esperamos.

Em outra ocasião, o mesmo Apóstolo recomenda aos justos que fazem o bem e guardam seus tesouros no céu, para receber o cêntuplo, que tenham paciência, dizendo: "Não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo colheremos, se não desanimarmos. Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé" (Gl 6, 9-10). Essas palavras exortam a que ninguém, por impaciência, desanime no bem fazer ou, tentado e vencido pela tentação, desista no meio de sua gloriosa carreira, perdendo assim o fruto do que ganhou, por deixar incompleto o que começou.

Por fim, quando o Apóstolo fala da caridade, ele a une inseparavelmente à constância e à paciência: "A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não se vangloria, não se ensoberbece, não se comporta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor; não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1 Cor 13, 4-7). Ele indica, assim, que a caridade pode permanecer, porque é capaz de suportar tudo.

E em outro trecho ele escreve: "Suportando-vos uns aos outros com amor, esforçando-vos por manter a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 4, 2). Com isso, ele ensina que nem a unidade nem a paz podem ser mantidas se os irmãos não se ajudarem mutuamente e não preservarem o vínculo da unidade com o auxílio da paciência.

SÃO CIPRIANO, BISPO DE CARTAGO

FONTE: A obra de São Cipriano está publicada com sua versão em castelhano por J. Campos, Obras de São Cipriano, BAC n. 241, Madrid, 1964, de onde foram retirados os fragmentos acima.

